

# Mazula já tem plano estratégico

Dom. 19/4/98 p.18

**O** Reitor da Universidade Eduardo Mondlane (UEM), Brazão Mazula, já tem uma estratégia para o desenvolvimento da mais antiga e principal instituição do ensino superior em Moçambique.

Dez mil estudantes já no ano 2005 é quanto se pretende duplicar a actual população estudantil da UEM, que em 1975, por ocasião da proclamação da independência nacional, era de 2400 estudantes, predominantemente colonos, tendo decrescido, nos dois anos seguintes do êxodo colonial, para um mínimo de 750 estudantes.

A recuperação do gráfico foi uma das apostas dos anos subsequentes, tendo, em 1989, já em plenas reformas estruturais, se registado mais de 2600 estudantes.

A recuperação do gráfico foi uma das apostas dos anos subsequentes, tendo, em 1989, já em plenas reformas estruturais, se registado mais de 2600 estudantes.

Actualmente, a população é constituída por cerca de 6000 inscritos e as previsões de novos ingressos para o próximo ano lectivo apontam para o milhar.

“O pressuposto fundamental

da presente estratégia é a expansão física da UEM, até um total de cerca de 10000 estudantes de graduação, em ensino diurno e nocturno, cerca de 500 estudantes de pós-graduação e a introdução do ensino à distância, numa perspectiva de que essa expansão se encontrará indissolúvelmente ligada à melhoria de qualidade de ensino”, refere o documento que sintetiza a estratégia, elaborada por uma equipa de 17 técnicos, liderada por António Saraiva da Silva.

A estratégia aponta também os caminhos para se alcançar os objectivos: a atribuição de mais fundos pelo Governo, angariação de ajudas externas e autonomização da gestão da instituição.

O relacionamento com o Governo deverá ser através de um contrato-programa e prestação de contas ao abrigo de uma lei de autonomia universitária.

A estratégia preconiza uma universidade distanciada de

querelas políticas.

Defende que ela deve constituir um espaço aberto ao debate, crítica, livre produção de conhecimento e troca de ideias que se diferencia do Aparelho de Estado.

Os actuais estatutos da instituição deverão ser revistos.

“O mérito do presente e perspectivas residiu no facto deste programa reflectir o ponto de partida, no sentido da necessidade de adaptação permanente da Universidade às novas exigências de um ambiente, constantemente em mudança, onde passou a operar, com a introdução, no país, do Programa de Reajustamento Estrutural, apoiado pelo Banco Mundial e Fundo Monetário Internacional”, refere.

A estratégia prevê também um grande investimento na formação de um corpo docente, em termos quantitativos e qualitativos, que crescerá do número actual de cerca de 650 docentes para cerca de 800 no ano 2005.

O número de docentes estrangeiros, actualmente de cerca de 120, deverá, segundo a estratégia, reduzir à taxa actual de 5,0 por cento até 100 docen-

tes no ano 2002, para no ano seguinte duplicar para 10 por cento.

Entretanto, a estratégia preconiza o fim da discriminação salarial entre docentes estrangeiros e nacionais:

“A UEM se propõe a valorizar o seu corpo académico, independentemente da nacionalidade, tendo como objectivo a utilização óptima das suas capacidades científicas. Este objectivo é difícil de se atingir nas condições actuais de vigência das duas tabelas salariais distintas; uma para docentes nacionais e outra para estrangeiros, pagas pelo Estado moçambicano. Daí que se torna necessária a fixação de uma tabela única para os docentes pagos pelo Estado moçambicano, sem distinção de nacionalidade”.

A situação salarial dos docentes universitários deteriorou-se dramaticamente nos últimos cinco anos: do equivalente a 830 dólares americanos que um prof. auxiliar recebia em 1991, o salário em 1996 já tinha baixado para 204 dólares.

“As condições de trabalho actuais não são atractivas para o corpo docente. O salário de

um 1º assistente ronda os 22 milhões de meticais (cerca de 200 dólares). Acentue-se que é atribuído um abono de 100 por cento, a título precário, o que não tem qualquer efeito em termos de reforma.

Se o docente tomar isto em consideração, menos atractivo se lhe apresenta o futuro, trabalhando na instituição”, refere.

A estratégia classifica de burocrática a tabela salarial em vigor, estabelecida à semelhança da função pública, não tendo nada em termos de filosofia com os princípios de uma instituição académica.

“Não há nela reconhecimento pela qualificação académica, nem se tem em conta aspectos de desempenho”, refere, acrescentando:

“É premente a adopção de uma tabela salarial que tome em consideração as categorias académicas, o desempenho e seja, ao mesmo tempo, atractiva tendo em vista a dedicação do corpo docente e a sua estabilização na instituição”.

A estratégia refere constatar o aumento de docentes altamente qualificados e um número cada vez maior de investigadores.

Segundo uma projecção realizada pela UEM, o número de docentes doutorados poderá ser de

279 no ano 2005. Nessa altura, a Universidade já estará a implementar programas de pós-graduação, mestrado e doutoramento.

“A introdução da pós-graduação representa, sem dúvida, um marco importante na vida da instituição. Para além de constituir uma expansão das oportunidades de formação, esta acção contribuirá para a elevação da qualidade de ensino e da investigação na UEM”, refere.

Para além de introduzir ensino nocturno e à distância, a estratégia prevê novos cursos e novas faculdades, com destaque para a de Educação.

Haverá também o reordenamento dos espaços físicos para o estabelecimento das diferentes faculdades, bem como transferências e integrações.

“No campus principal, local previamente destinado à expansão local, está prevista a integração da Reitoria, Faculdade de Ciências Naturais e exactas, Faculdade de Engenharia e diversos centros de investigação e Extensão, bem como grande parte das áreas sociais e culturais, áreas desportivas, recreativas e administrativas, a biblioteca central e o complexo pedagógico”, refere.